



**A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO
ESCOLAR DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL:
desafios reconhecidos no cotidiano da
Escola Municipal Maria Aparecida Amaro de Souza**

Vania Cristina Marques da Costa*

Jussara Cristina Mayer Ceron**

RESUMO

Esta pesquisa aborda algumas reflexões sobre interação escola x família, com estudo de caso, em uma escola municipal de Sinop estado de Mato Grosso, utilizarei ao longo da pesquisa os autores: Jane Margareth Castro, Marilza Regattieri e Paulo Freire, com o intuito de perceber quais os métodos utilizados pela escola para fazer essa interação, como essa interação é utilizada. Acreditando que a escola como um espaço da comunidade, um desafio possível.

Palavras-chave: Interação. Escola. Família. Estudo de Caso. Paulo Freire

1 INTRODUÇÃO

A participação da família no ambiente escolar tem se constituído uma presente necessidade diante dos desafios que a escola tem enfrentado no que se referem ao contexto da aprendizagem de conceitos, a vivência de procedimentos e de atitudes, enquanto caracterização do desempenho do aluno.

Um dos aspectos que tem se apresentado para a escola e para a sociedade se refere à compreensão das diferentes formações de famílias constituídas na atualidade e a melhor maneira de, com elas, poder auxiliar no processo de ensino e de aprendizagem na escola.

* Graduanda de Pedagogia. Pertence ao Grupo de Estudo da Professora Ma. Jussara Cristina Mayer Ceron.

** Mestre em Educação pelo Centro Pastoral Educacional e Assistência Dom Carlos (CPEADC).

Partindo dessa questão e de varias situações vivenciadas enquanto mãe e estudante do Curso de Pedagogia, e, movida pelo interesse em identificar a escolha do tema que ora investigo — relação família-escola — reporto-me na produção textual e no contato direto com os sujeitos da pesquisa, um caminho orientado por uma escolha ética e política.

Essa escolha, se traduz a compreensão do papel e das especificidades destas duas instituições. E, neste sentido, pautamo-nos em Szymanski (2007, p. 34), que afirma:

Escola é escola, família é família, o que ambas têm em comum é o fato de prepararem os membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade da vida social. Ambas desempenham um papel importante na formação do indivíduo e do futuro cidadão. A escola tem uma especificidade, a obrigação de ensinar conteúdos específicos da área do saber, escolhidos como fundamentais para a instrução de novas gerações. A família têm de dar acolhimento a seus filhos: um ambiente estável, provedor e amoroso e as bases dos valores socialmente constituídos.

O envolvimento com o tema permitiu, em vários momentos a aproximação com a realidade e, com ela, a compreensão de quais são os papéis de cada instituição no desenvolvimento integral das crianças. Como aporte, dialogamos com vários autores e insistimos na proposta de refletir sobre o papel da família e o papel da escola, assim como, o reconhecimento de como as mesmas participam da construção dos espaços pedagógicos, nos quais os alunos/filhos estão inseridos.

2 COMPREENSÕES TEÓRICAS E PERTINÊNCIAS DO TEMA DE PESQUISA

Tratamos aqui sobre importantes formas de interação escola/família, destacamos a importância que tem a interação entre escola e família em relação ao desenvolvimento da criança, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nos deixa claro essa responsabilidade, quando ela atribui no 2º Art. que: “A educação é dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Assim sendo acreditando em uma parceria possível em termos de interação entre escola e família Libâneo em entrevista para Costa (2007, p. 24) afirma desse modo a função da escola:

[...] a função social e política da escola continua sendo a de educação geral, mediante a qual crianças e jovens podem dominar os conhecimentos científicos, desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais, aprender a pensar, aprender a internalizar valores e atitudes, tudo em função da vida profissional, da cidadania, da vida cultural, tudo voltado para ajudar na melhoria da condição de vida e de trabalho e para a construção da sociedade democrática.

Surtem as reflexões de como se dá o desenvolvimento da escola em relação às famílias, acreditando que uma complementa a outra, escola e famílias poderiam, e, deveriam se unir para conseguir um bom desempenho a cerca dos indivíduos que estão inseridos na instituição educacional, afim de, tornarem-se seres crítico e social.

Nesse sentido, há uma necessidade da instituição conhecer o processo histórico da família dos educandos para assim tomar alguma decisão, no sentido de contribuir para o desenvolvimento dos sujeitos, entendendo que o professor tem esse compromisso e ao mesmo tempo esse apoderamento de informações para conhecer as limitações de cada sujeito.

Não é possível não se importar com quem será prejudicado, tornando assim um jogo de empurra, quando a criança entra numa zona de negligencia, indisciplina comportamental, desinteresse entre tantos outros fatores que podem atrapalhar no bom desempenho cognitivo, a culpa se acata entre as famílias que o abandonou e nunca aparecem na escola. Assim Freire (1996, p. 32) afirma que:

Como educador preciso de ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra”.

É necessário que a escola reconheça quem são seus sujeitos e o que permitir a estes, em todas as perspectivas de trabalho, de modo que o conhecimento das condições de vida das crianças e adolescentes em idade de escolarização obrigatória origine ações interligadas entre a revisão dos projetos e práticas educacionais, pensando na diversidade dos alunos e não apenas no aluno esperado e entre a convocação de novos atores e a articulação das políticas educacionais com políticas setoriais capazes de apoiar as famílias dos alunos para que elas possam exercer suas funções e cumprir com as responsabilidades instituídas pelo estado.

2.1 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO DE TODOS

A escola como a instituição preparada em termos de conhecimento científico, deve fornecer e promover essa inter-relação, todo seu poder de conhecimento de forma de esforço levando em consideração os aspectos particulares da situação social vigente, e que influenciam de forma significativa o equilíbrio familiar.

Na empreitada pela equidade, a relação escola-família ressurge como um fator-chave. Mesmo que não haja uma comprovação científica da influência direta da interação escola família na melhoria do aprendizado dos alunos, inúmeras pesquisas no Brasil e no mundo todo têm mostrado que as condições socioeconômicas, as expectativas e a valorização da escola e o reforço da legitimidade dos educadores são fatores que emanam da família e estão altamente relacionados com o desempenho dos alunos. (CASTRO; REGATTIERI, 2009, p. 19).

Por sua vez a família, responsável pelo desenvolvimento social e psicológico da criança enquanto sujeito, podem buscar a interação com a escola, promovendo, questionando, sugerindo e interagindo de forma a fornecer elementos que através de discussões e ampla comunicação com os educadores promovam as iniciativas que vão ao encontro com as necessidades dos educandos.

É possível que essa interação aconteça de forma prazerosa em que a família se sinta parte integrante da escola, deixando claro a relação que tem entre a escola não somente como uma estrutura física com muros que deixam seus filhos enquanto precisam trabalhar ou até mesmo fazer os deveres domésticos.

De todos os mecanismos do Estado, a escola é o que tem o mais amplo contato contínuo e frequente com os sujeitos destes direitos, daí sua responsabilidade de atuar junto a outros atores da rede de proteção social, o que não representa, nem intenciona mudar o papel da escola e transformá-la em instituição assistencialista, mas sim dar sustentação a seu papel de ator fundamental, mesmo que este não seja exclusivo na realização do direito da criança e do adolescente à educação.

2.2 REUNIÕES ESCOLARES: MOMENTOS QUE OPORTUNIZAM A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E FAMÍLIA

Uma das estratégias utilizadas para uma aproximação com a família no campo escolar é reunião de ‘pais e mestres’, onde se reúnem, para que possa assim, trocar experiências e projetos futuros para a escola, a comunidade escolar normalmente planeja no intuito de desabafo em relação ao que dá certo e o que não dá certo no ponto de vista construtivo de aprendizagem, essas reuniões muitas vezes têm uma linguagem científica de difícil compreensão dificultando assim o entendimento das propostas para os pais ou responsável.

É importante reconhecermos que a escola é uma organização educacional e como tal precisa realizar as reuniões de maneira planejada, sistematizada e com cunho orientativo. Assim, uma reunião pode ter elementos muito semelhantes, mas, dependendo da sua condução, pode aumentar a distância entre os participantes ou abrir canais de diálogo. Assim

sendo Castro e Regattieri sugere uma forma de aproximação entre escola e família as reuniões orientativas conforme a necessidade da comunidade:

Nessas ocasiões apresentam seus projetos pedagógicos, falam de seus planos e convidam palestrantes para esclarecer sobre o perigo do envolvimento com drogas, o risco de uma gravidez precoce, a dificuldade de impor limites e manter a autoridade do adulto etc. Às vezes, as reuniões são organizadas de forma mais lúdica, com técnicas de dinâmica de grupo para que as pessoas se sintam mais acolhidas. (CASTRO; REGATTIERI, 2009, p. 35).

2.3 COMO SE CONSTRÓI A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA

Sabendo que, a educação vai além dos muros escolares temos como princípio a família, ela ocupa um papel primordial na vida de cada cidadão, independente de sua condição ou situação é no seio familiar que surge os primórdios básicos para uma educação promissora, segundo Chalita (2001, p. 20): “A família tem responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Os filhos se espelhando nos pais e os pais desenvolvendo a cumplicidade com os filhos”.

A família é reconhecida no campo educativo e social como uma entidade cultural, social, política, econômica, psicológica e religiosa, como grupo básico da estrutura social, tem vindo a ser questionada, sobre diversos pontos.

É importante que aconteça essa parceria entre escola e família, e que juntos possam alcançar o objetivo em comum, de formar cidadãos que saibam como viverem no mundo atual. Percebe-se que no atual momento em que vive a educação, a falta de envolvimento, participação, apoio e limites das famílias para com as crianças, torna impossível uma educação de qualidade, os limites familiares é necessário, pois ele retrata o necessário para o cotidiano da criança; concordando Freire (1997, p. 19):

A demonstração permanente de afeto é necessária, fundamental, mas não de afeto como forma de arrependimento. Não posso pedir desculpas a meu filho por ter feito o que deveria ter realmente feito. É tão mau isto quanto não explicitar meu sentimento por um erro que cometi. É por isso também que não posso dizer *não* a meu filho por tudo ou por nada, um *não* que atende ao gosto de meu arbítrio. Devo ser coerente ao dizer *não* como ao estimular o filho com um sim.

Com isso Freire, diz que, o afeto não deve ser ofertado para criança como um arrependimento ou em posse de uma intimidação feita pelo filho, esses desafios são constantes na vida de qualquer família, como pais devem conduzir uma situação de autoridade e responsabilidade, mesmo por que independentemente da idade a família sempre se colocará responsável pelas decisões certas ou não do indivíduo.

3 PERCURSO DA PESQUISA: questões sobre a metodologia

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário utilizar os seguintes procedimentos metodológicos básicos: pesquisa bibliográfica, análise documental, entrevistas, estudo de caso e observações.

A escolha dos procedimentos metodológicos teve como propósito conhecer o cotidiano educacional e a relação Escola x Família no contexto da prática pedagógica, através da realização de observações sistemáticas, o que possibilitou perceber como o tema se constitui no dia a dia da Escola Municipal de Educação Básica Maria Aparecida Amaro de Souza.

Para a realização do levantamento bibliográfico, buscamos por elementos teóricos sobre a relação Escola x Família e sobre a relação entre escola, família e educação. A análise dos documentos da instituição foi feita com base no Projeto Político Pedagógico a fim de reconhecer como são sistematizadas as formas de interação família e escola e como estas são concebidas nos registros escolares.

A entrevista, como registro do processo, segundo Marconi (1990) é um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. Para isso, são necessários habilidade e perspicácia por parte do entrevistador.

Os desafios da pesquisa nos levaram a compreender que os caminhos precisam ser planejados, e que, a condição de pesquisador precisa ser ética, responsável e madura diante das questões que se apresentam.

O percurso metodológico da pesquisa implica um processo de construção do conhecimento, a partir de procedimentos científicos que possam caracterizar o fazer científico. A metodologia tem como objetivo indicar procedimentos e ferramentas para se atingirem os fins estabelecidos com base na problematização que conduziu a pesquisa. Ao estabelecer a relação entre ciência e metodologia, a preocupação da ciência é captar e tratar a realidade teórica e praticamente, enquanto a metodologia deve preocupar-se com os possíveis caminhos para que se possam alcançar os fins a que a pesquisa se destina. (DEMO, 1991, p. 30).

A concepção de pesquisa que serviu de apoio e alicerce para a caminhada caracterizou-se como pesquisa qualitativa, onde Minayo (1996, p. 21-22) afirma que a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares “[...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações e crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um

espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

4 ANÁLISE DE DADOS

4.1 VISÃO DOS PROFESSORES

Os professores entrevistados deixaram claro que não há dificuldades em localizar a família quando surgem alguma necessidade de diálogo, de acordo com Carvalho (2003, p. 52) “Desde a década de 1990, a família esta sendo convidada a participar na escola e esta sendo responsabilizada pelo sucesso ou fracasso escolar”.

Percebeu-se o distanciamento entre professor x aluno em relação à situações pessoais, devido aos conteúdos que precisam passar e a falta de tempo para se dedicar à turma, sendo assim Chalita (2001, p. 94) diz que: “É comum ouvir as pessoas reclamando da falta de tempo. É preciso trabalhar, estudar, ler, aperfeiçoar-se, aprender os novos recursos da informática, falar vários idiomas, ter momentos de lazer, praticar atividade física, visitar exposições de arte, atender à família, aos amigos” nesta afirmação do autor percebemos que a falta de tempo se torna o vilão em relação às praticas corretas a serem tomadas ao aprendiz.

Percebeu-se que para as professoras entrevistadas os pais nem precisaria ajudar a fazer a tarefa escolar, pois segundo aas mesmas essa é uma obrigação dos professores, apenas o fato de acompanhar se a criança esta realmente fazendo os deveres passados pelos professores já ajudaria. Sugerem uma cartilha informativa, onde educadores auxiliam em como pais podem participar das atividades que seus filhos levam para serem concluídas em casa, de acordo com (CASTRO; REGATTIERI, 2009, p. 39):

Numa reunião em que há uma preocupação maior com a interação, a equipe da escola organiza informações sobre o desempenho dos alunos (geral e individual) e também orientações sobre como as famílias podem estimular os alunos a se empenharem nas atividades escolares. Esse tipo de interação exige maior clareza dos papéis dos agentes educacionais, que ajudam a delinear para pais e mães os lugares que podem ocupar no apoio/complementação da educação escolar.

Precisa haver um acompanhamento mais assíduo da família, pois, a mídia e a sociedade fora da escola estão atrativas para as crianças e adolescentes, neste sentido, Costa (2007, p. 38), diz que: “Além de ensinar disciplina esperava-se da escola, e se espera ainda hoje, que ela desenvolva competências profissionais para que as pessoas possam encontrar lugar no mercado de trabalho”.

Reconhecemos que o papel que os professores devem desempenhar é de mobilizar os alunos para assim conseguir êxito em mobilizar a escola e a família para o conhecimento, estimular as interações e a participação, promovendo valores como o respeito e cooperação através do empenho coletivo, o que requer a efetiva participação e comprometimento de todos os envolvidos e integrantes da comunidade de aprendizagem.

4.2 VISÃO DA FAMÍLIA

Percebeu-se que as mães em sua maioria trabalham fora, compreendendo a pressão que o capital traz, a necessidade de um trabalho remunerado, e possivelmente um dos motivos pelo qual a família se distancia da instituição educacional, transformando a educação informal debilitada, e não tendo tempo para se dedicar aos filhos, essa situação se torna mais comum nos últimos anos, as crianças indo mais cedo para a escola, segundo Libâneo (2000, p. 23):

Educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não são ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas.

A escola em questão tem como política chamar os responsáveis quando surge algum problema comportamental ou da criança não “querer” estudar, destacou – se um momento em que um responsável diz que já foi chamado muitas vezes.

Lamentavelmente, um dos momentos onde escola x família pudessem andar juntos e definir qual a função de cada entidade esta fragilizada, unanimemente todos os pais/responsáveis não conhecem o PPP da instituição.

4.3 VISÃO DA GESTÃO ESCOLAR

Diante dos registros da Gestão Escolar, tem-se o entendimento de que o compromisso para com um trabalho de qualidade e que permita a inserção e desenvolvimento dos alunos deve ser de todos em torno de alguns princípios básicos como: coerência, responsabilidade, presença, comprometimento e atuação.

A escola precisa alertar os pais sobre a importância de sua participação e o interesse em acompanhar os estudos dos filhos, sendo este um dos principais estímulos para que eles estudem, enfatizando que este estímulo deve ser acompanhado de postura, de respeito e de entendimento diante dos múltiplos desafios que vão contornando o cotidiano escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma sociedade em que todas as crianças e adolescentes dos mais diversos grupos familiares têm o seu direito de serem bem acolhidos pela escola. Como já destacamos, a relação Escola x Família é inevitável, fundante e importante. Ocorre que não é fácil para as escolas lidar com tantos públicos diferentes e, principalmente na realidade em que observamos as práticas dos profissionais (gestores e professores).

A família e a escola precisam dinamizar e instituir cotidianamente e de forma permanente tarefas complementares, apesar de distintas em seus objetivos e funções específicas.

Para Parolin (2007), a família é o núcleo constitutivo do sujeito. É um sistema que une as pessoas que a compõem, não apenas sobre o mesmo teto e com o mesmo sobrenome, mas fundamentalmente, pelas representações que se constroem à medida que vão compartilhando o cotidiano, formando, em sua intimidade, uma rede de significações a que estão vinculados aos seus mitos, ritos, crenças, segredos, medos e ideais.

Segundo Parolin (2007), “a escola é uma instituição potencialmente socializadora”. Sendo ela um lugar para todos, deve se preocupar em formalizar, adequar e institucionalizar o atendimento de maneira ética e plural, tendo em vista as características de seu público.

Diante do caminho percorrido, fica claro que a escola em questão, precisa viabilizar mecanismos que permitam uma efetiva participação da família, de modo a juntas refletirem sobre os problemas e situações adversas de aprendizagem e desta maneira, conferirem juntos compositivos que permitam os alunos/filhos se desenvolverem integralmente.

FAMILY PARTICIPATION IN THE PROCESS OF DEVELOPING STUDENT PERFORMANCE IN THE ELEMENTARY SCHOOL: challenges recognized in the daily life of Maria Aparecida Amaro de Souza Municipal School

ABSTRACT¹

This research presented here addresses reflections on the interaction between school and family in the development of learning processes in 5th grade elementary students at Maria

¹ Tradução realizada pela Marki Lyons (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

Aparecida Amaro de Souza Municipal School in Sinop, Mato Grosso State. As a contribution to discussion, authors such as Jane Margareth Castro, Marilza Regattieri and Paulo Freire were relied upon. By means of this research, it was possible to recognize the ways in which the institution promotes interaction with the family and the relevance of such interaction in the student's school performance. We believe that the interaction between the school and the family, while a challenge, is possible in today's society.

Keywords: Interaction. School. Family. Process.

REFERENCIAS

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9394/96. 2. ed. Brasília: MEC, 2001.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; **Modos de Educação, gênero e relações escola-família**, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A Escola Tem Futuro?** Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

CATRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza (Orgs.). **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares**. Brasília: UNESCO; MEC, 2009.

CHALITA, Gabriel Benedito Issac. **Educação: a solução esta no afeto**. São Paulo: Gente 2001.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

FREIRE, Paulo, **Política e educação: ensaios**: São Paulo: Cortez, 2001

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996

PAROLIN, Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2007.

SZYMANSKI, Heloísa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Líber, 2007.